

## **CHARLES EXPILLY: UM ANTROPÓLOGO POR ACASO**

Maria Ruth Machado Fellows (UERJ)

### **RESUMO:**

Em 1862, Charles Expilly publica o relato de viagem *Le Brésil tel qu'il est*, fruto de observações feitas ao longo de sua permanência no Rio de Janeiro do século XIX. No prefácio, ele justifica o título da obra para seu leitor, declarando que suas impressões e apreciações estariam muito mais próximas da realidade – em comparação com outros relatos até então publicados –, visto que ele havia vivido com os trabalhadores e como um trabalhador. Expilly, diferentemente de outros escritores, artistas e viajantes que vieram ao Brasil subvencionados por algum tipo de poder como, por exemplo, Jean de Léry e André Thevet no século XVI, Auguste de Saint-Hilaire e Ferdinand Denis no século XIX, saiu de Paris para “fazer fortuna”, sem nenhum respaldo institucional. Jovem escritor sem projeção no círculo literário da época, escrevendo artigos para jornais e revistas e sem perspectivas de mudança desse quadro, decide se aventurar em terras estrangeiras.

A necessidade de “ganhar a vida” combinada com a falta de compromisso com poderes institucionais acabam nos permitindo comparar o trabalho do escritor com o dos antropólogos do século XIX. Naquele momento, a antropologia, uma jovem ciência, estabelece o fim da repartição observador-pesquisador; o viajante, o que fornece as informações, e aquele que as analisa e interpreta passam a ser a mesma pessoa. Antropólogo por acaso, Expilly observa e analisa indivíduos pertencentes a uma época e a uma cultura, convivendo com esses indivíduos em seu cotidiano, tendo de se adaptar a hábitos e costumes, muitas vezes estranhos e desconfortáveis em relação aos seus. Reconhecendo que algumas passagens de seu relato possuem cores tristes e sombrias, ele as justifica com os fatos produzidos pelas instituições viciadas, de acordo com sua avaliação.

O olhar do escritor é penetrante e capaz de se voltar sobre ele mesmo, indivíduo também pertencente a uma época e uma cultura diferente daquela em que estava inserido. Contando casos ocorridos com ele e com pessoas de seu entorno, Expilly consegue fazer uma radiografia da sociedade do Rio de Janeiro, a partir de descrições e análises moralizantes, carregando sempre consigo a boa consciência que tem sobre si e sua sociedade – a francesa.

Em contrapartida, o seu relato, para nós brasileiros, é uma fonte de reflexão sobre o que somos e sobre quem era esse homem estrangeiro e muitos desses viajantes que, com olhares tão diversos, contribuíram na construção da imagem do Brasil para o mundo e para nós mesmos.

Palavras-chave: Charles Expilly. Relato de viagem. Olhar sobre o Brasil.

A identidade de um povo se constitui a partir de diversos elementos. A História oficial se apresenta como um deles, talvez o mais imperativo, visto que seus registros apontam para o passado e para o futuro. Os relatos históricos garantem o acesso a caminhos já percorridos e, ao mesmo tempo, registram as interpretações dessas trajetórias. Ou seja: a História é elemento constituinte da e constituído pela identidade de um povo.

Mas, para compreendermos o processo de construção identitária de um povo, podemos recorrer a outras histórias que venham em auxílio à História oficial. Podemos encontrá-las, por exemplo, na literatura, nas artes plásticas, na imprensa e, particularmente, nos relatos de viagem. Este gênero textual, importante veículo de informação sobre lugares, povos e culturas, ocupa, no Brasil, um papel fundamental na construção de nossa identidade. Desde o descobrimento, muitos foram produzidos, principalmente por estrangeiros, o que nos permite compreender um pouco mais de nós mesmos, a partir do olhar do outro.

Jean de Léry e André Thevet no século XVI, Auguste de Saint-Hilaire e Ferdinand Denis no século XIX são alguns nomes, dentre muitos outros, de viajantes franceses que produziram relatos que se tornaram referência para aqueles que se interessam pela história do país. Podemos dizer que esses registros fazem parte de nossa História oficial. Entretanto, uma análise mais cuidadosa desses relatos nos faz perceber um olhar de reconhecimento e não de descoberta desses viajantes. Todos chegam ao Brasil para verificar as informações sobre este país ultramar, obtidas através de leituras de textos documentais – mas também ficcionais – e impregnadas de um imaginário construído ao longo do tempo. A força deste imaginário faz com que eles tragam consigo as respostas para eventuais perguntas que, porventura, tenham se colocado a respeito do que encontrariam em nossas terras.

Outros viajantes, portanto, muitos deles desconhecidos, produziram relatos que podem ser considerados “retratos” da época de sua passagem pelo Brasil. Evidentemente, todos eles traziam consigo seu modo de ver o mundo, mas, para alguns,

a bagagem cultural não impediu que seu olhar se voltasse para novas descobertas, consequentemente gerando novas respostas. Um desses viajantes: Charles Expilly.

Jovem escritor sem projeção no círculo literário da época, escrevendo artigos para jornais e revistas e sem perspectivas de mudança desse quadro, decide sair de Paris para “fazer fortuna”, aventurando-se em terras estrangeiras, sem nenhum respaldo institucional, diferentemente de outros viajantes que, na mesma época, vieram ao Brasil “protegidos” por algum tipo de poder. Viajantes que, segundo Expilly, viram apenas o lado bonito do país, pois, entregues ao luxo e às honras, foram acolhidos pelo imperador e recomendados aos governadores das províncias.

Como muitos jovens de sua época, Expilly, por pouco, não desperdiça todos os recursos que possui, na vida mundana parisiense. Ao receber uma proposta de um parente próximo em situação mais precária do que a dele para tentar a sorte em terras brasileiras, decide investir o que lhe resta. Sua chegada ao Brasil ocorre quando o seu negócio – uma fábrica de fósforos – já se encontra estabelecido e tendo algum sucesso.

Se, em um primeiro momento, sua reação e a de sua esposa não foram muito positivas – eles ignoravam o tipo de negócio que havia sido concretizado –, a promessa de um retorno à pátria em condições mais favoráveis a uma vida confortável levou o escritor a se entregar ao trabalho com vontade e disposição. Mas, incentivado pela companheira, não abandonou sua veia literária e, ao longo de sua estada, fez anotações que resultaram em duas obras sobre o Brasil: *Le Brésil tel qu’il est* (O Brasil como ele é), em 1862, e *Les femmes et les mœurs du Brésil* (As mulheres e os costumes do Brasil), em 1863.

Na contracorrente dos viajantes oficiais, Charles Expilly publica *Le Brésil tel qu’il est*, relato de viagem, fruto de observações feitas ao longo de sua permanência no Rio de Janeiro do século XIX. No prefácio, ele justifica o título da obra para seu leitor, declarando que suas impressões e apreciações estariam muito mais próximas da realidade – em comparação com outros relatos até então publicados –, visto que ele havia vivido com os trabalhadores e como um trabalhador.

Vivi no Rio com trabalhadores e como um trabalhador. Vi, portanto, melhor do que todos os escritores – oficiais e oficiosos – (...) e minha

apreciação (por que uma falsa modéstia me impediria de declarar?)  
pintaria melhor o estado real das coisas. (Expilly, 1862, p.XIV)<sup>1</sup>

Esta justificativa não se limita ao prefácio; ela se entende por todo o relato, através de comparações, comentários e críticas a muitos viajantes, citados, muitas vezes, nominalmente. Um desses viajantes, cujos relatos são criticados por Expilly, é Ferdinand Denis. É possível compreender a diferença entre os olhares dos dois viajantes, comparando passagens referentes a um mesmo objeto de observação, por exemplo, a chegada ao Rio de Janeiro.

Cabe ressaltar a presença – possivelmente unânime em todos os relatos dos viajantes que passaram pelo Rio de Janeiro – do encantamento provocado pela natureza, pela paisagem da entrada da Baía de Guanabara. Mesmo os mais críticos em suas observações não deixam de expressar sua emoção ao contemplar o Pão de Açúcar, o Corcovado, a Serra dos Órgãos, as águas e a vegetação do entorno do porto de chegada. No entanto, ao desembarcarem, os relatos tomam rumos diferentes, o que se pode observar, comparando-se as impressões de Ferdinand Denis e Hippolyte Taunay com as de Charles Expilly, respectivamente:

A primeira coisa que se percebe ao se colocar o pé na cidade é um aroma de almíscar, de âmbar e de formiga; ele exala da numerosa população negra que circula pelas ruas vendendo frutas, fazendo trabalhos pesados e mecânicos. (Denis, Ferdinand; Hippolyte Taunay, 1822, p.12)

Assim que entramos na baía, depois dos sofrimentos e das privações de uma longa travessia, ficamos deliciosamente emocionados com os esplendores do panorama que se descortina aos nossos olhos. (...) Mas que decepção, meu Deus, quando desembarcamos! (...) Enquanto os olhos se entristecem com esta pobreza que não era esperada, o olfato é desagradavelmente afetado por um odor nauseabundo, penetrante, que dele toma conta. (...) Involuntariamente nos perguntamos se a peste assolou a cidade; mas, no mesmo instante, temos a explicação dessa corrupção atmosférica: ela vem dos negros que se dirigem para a praia, levando um barril na cabeça. Esses barris são os tonéis impuros do Sr. Domange. (Expilly, 1862, pp.50-53)

---

<sup>1</sup> As traduções das citações de *Le Brésil tel qu'il est* são de responsabilidade da autora.

Homens do mesmo século, impregnados de mesma bagagem cultural, divergentes em seus propósitos concernentes à viagem ao Brasil, registram um mesmo momento, cada um com seu olhar: Expilly, com olhos de ver; Ferdinand Denis e Hipolyte Taunay, com olhos de conferir.

Com seus olhos de ver, Expilly produz seu relato, descontraído daqueles que fazem parte do acervo histórico-literário oficial brasileiro, não só em seu conteúdo, mas também em sua forma. Descontraídos no conteúdo, pois ele não vê exatamente o que é visto por outros viajantes; na forma, pois, mesmo anunciando à sua leitora, madame Eugénie Dauphin, a quem o relato foi dedicado, e a seus possíveis leitores, um relato de viagem, ele surpreende, contando casos ocorridos, sendo, às vezes, ele mesmo um dos personagens. “Surgindo no meio de um estudo de hábitos e costumes, a anedota fixa melhor no espírito as considerações morais que estamos desenvolvendo.” (Expilly, 1862, p.64)

Um funcionário do ministério, um alto funcionário – minha nossa! – que era dono de dois cavalos e que morava perto de mim, estava convencido de que minha chácara devia fornecer aos seus animais o capim que lhes era necessário. Quantas vezes nós não tivemos que expulsar esses intrusos! E durante estas perseguições frequentemente retomadas, quantas dúzias de fósforos não puderam ser embaladas! Consequentemente, quantos vinténs tinham sido perdidos!

Nausier me havia dado uma boa explicação sobre esse assunto.

Um dia, mandei amarrar os dois cavalos. Há uma hora, eles roíam a casca do tamarineiro, e eu me dispunha a enviá-los ao depósito de animais apreendidos, quando o proprietário se apresentou. A palavra seca e o olhar de desprezo deste homem acabaram por me fazer ficar de mau humor.

- Quem foi que deu permissão ao senhor de amarrar meus cavalos? - ele me perguntou com altivez.

- A lei que torna toda propriedade sagrada, senhor – respondi no mesmo tom.

- O senhor sabe que eu sou funcionário do governo? – retornou o personagem com um tom empolado na voz.

Eu estava bem fundamentado, senhora, ao lhe declarar, no começo deste capítulo, que o emprego de uma de minhas jornadas faria com que a senhora conhecesse melhor os costumes brasileiros, do que a leitura de um livro especial sobre o assunto. Eis-me aqui já paralisado por uma simples exclamação de meu interlocutor. Fique, pois, sabendo, minha senhora, que aqui um homem disse tudo quando diz esta frase sacramental:

- Sou empregado do governo.

Neste caso, o melhor é deixar de lado qualquer argumento e inclinar-se. A réplica é impossível.

(...)

Tão inflado era o tom de meu interlocutor, tão arrogante sua atitude, que não pude evitar de rir na sua cara, depois de sua exclamação.

Ele ficou roxo de raiva.

- Sim, senhor – retomou ele – eu tenho a honra de ser funcionário do Ministério, e o senhor, com tal procedimento, comete uma falta contra toda a nação brasileira. O senhor pensou nisso?

Impossível acalmar a comicidade diante de tal argumentação!

- Senhor, disse eu finalmente, não preciso saber quem o senhor é, para reclamar o valor do prejuízo causado pelos seus cavalos.

- Eh! Senhor, se a porta da sua chácara não estivesse aberta, meus cavalos não poderiam entrar.

- Melhor dizer, senhor, que eles não entrariam aqui, se a porta de seu estábulo estivesse fechada e, mais ainda, se o senhor empregasse para alimentá-los os recursos destinados ao senhor pelo ministério ao qual o senhor pertence.

O homem lançou sobre mim um olhar furibundo.

- O senhor está esquecendo com quem o senhor está falando! proferiu ele, fazendo uma pose. Eu tenho a honra de ser cidadão brasileiro...

- E eu tenho a honra de ser cidadão francês, interrompi.

- Além disso, retomou ele, empregado do governo. Devolva-me meus cavalos. Vá desamarrá-los e leve-os, disse ele a um negro que o acompanhava.

- O senhor não vai levá-los, antes de pagar dois mil réis aos meus funcionários, repliquei decidido, e se demorar, vou enviá-los ao depósito

O homem perdeu o controle.

- É o que vamos ver! Ele gritou e se precipitou em direção à porta.

Ele retornou quinze minutos depois com o magistrado de polícia do bairro que enumerou, para mim, os títulos e os nomes do poderoso personagem, de quem tinha a honra de ser amigo, inclinando-se diante dele. Ele me sugeriu viver na política da boa vizinhança.

- É com a lei do seu país que quero viver na política da boa vizinhança, repliquei.

- Claro, claro, disse ele, a propriedade é sagrada no Brasil e o senhor não é obrigado a alimentar os cavalos dele. Mas, entretanto, devolva-lhe os cavalos sem multa; eles não retornarão mais à sua chácara, eu prometo ao senhor.

- Eu persisti em minhas pretensões, deixando o empregado do governo muito espantado e murmurando baixinho sem cessar:

- Esses estrangeiros, não respeitam nada! Uns judeus, pagãos!

O magistrado me implorou para ceder, por ele, e acabei me rendendo.

Este incidente teve isso de bom: nunca mais vi os cavalos do empregado do governo. Uma outra chácara recebeu o ônus que pesava sobre a minha, o que foi um alívio. (Expilly, 1862, pp.117-122)

Esta escolha da contação de casos é judiciosa e consciente, como ele mesmo afirma: “o emprego de uma de minhas jornadas faria com que a senhora conhecesse melhor os costumes brasileiros do que a leitura de um livro especial sobre o assunto.” Escolha também afinada com uma tendência da antropologia – que à época se legitimava –, para a não repartição de tarefas entre observador (viajante, fornecedor de informações) e pesquisador (analista, intérprete).

Diferentemente de outros viajantes, cegos à cultura dos outros e míopes em relação à sua, o escritor se mostra perplexo em algumas situações vividas, o que permite a experiência da alteridade, indispensável para aquele que quer conhecer e não, simplesmente, reconhecer.

Expilly observa indivíduos pertencentes a uma época e uma cultura, sem esquecer ser ele mesmo um indivíduo pertencente também a uma época e uma (outra) cultura. Esta atitude leva-o a observações que geram reflexões não só sobre o outro, mas também sobre si mesmo, o que pode ser verificado em algumas passagens de seu relato dedicadas a hábitos e costumes e de sua própria cultura – a francesa.

Na Espanha e no Brasil, esta palavra tem um significado diferente. Em 1812, durante a invasão da Península, os espanhóis qualificavam de *Afrancesados* seus compatriotas que faziam votos aos franceses ou que haviam adotado suas ideias. No Brasil, a mesma palavra significa *má fé e trapaça*. (grifos do autor - Expilly, 1862, p.274)

Em um capítulo intitulado “Os franceses da rua do Ouvidor”, encontramos algumas considerações sobre seus compatriotas, habitantes do Rio de Janeiro, a maioria deles comerciantes, e, dentre elas, algumas críticas referentes a seus procedimentos nos negócios. O escritor reconhece a pertinência da expressão “negócios afrancesados” atribuída a trapaças realizadas pelos comerciantes franceses, apesar de acreditar que “o comércio é o instrumento precioso do progresso, o condutor da inteligência e da luz.” (Expilly, 1862, p.123)

Quanto às considerações sobre o Brasil, elas são muitas e sempre acompanhadas de críticas e comparações. Expilly não esconde a crença na superioridade de sua cultura em relação não só à do país que o acolhe, mas também à de Portugal. Em meio a um

comentário sobre as obras intermináveis de instituições públicas no Rio de Janeiro, identificamos um exemplo dessas considerações. “Nenhuma surpresa desse tipo pode ter as pessoas que conhecem o caráter do brasileiro. Aqui, é difícil começar uma obra; mas, também, não se vê o término de nada. O brasileiro, como filho digno do português, tem sempre muita dificuldade de concluir.” (Expilly, 1862, p.284)

Porém, é contando casos ocorridos com ele e com pessoas de seu entorno que Charles Expilly, antropólogo certamente por acaso, consegue fazer uma radiografia da sociedade do Rio de Janeiro, a partir de descrições e análises moralizantes, carregando sempre consigo a boa consciência que tem sobre si e sua cultura. São muitas as histórias ocorridas em diversos setores da sociedade, recolhidas por um olhar que observa para descobrir, para compreender, mas que também produz interpretações.

Para nós brasileiros, o seu relato é uma fonte de reflexão sobre o que somos hoje. É um recuo no tempo que nos permite (re)conhecer e compreender – ou simplesmente repensar – algumas questões referentes à formação da sociedade do Rio de Janeiro. Ele nos fornece, também, informações sobre quem eram esse homem estrangeiro e muitos desses viajantes que, com olhares tão diversos, contribuíram na construção da imagem do Brasil para o mundo e para nós mesmos.

#### **Referências :**

DENIS, Ferdinand & TAUNAY, Hippolyte. *Le Brésil ou Histoires, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*. Paris: Nepveu, 1822.

EXPILLY, Charles. *Le Brésil tel qu'il est*. Paris: Clichy, 1862.